

PETRI, VERLI E DIAS, CRISTIANE (2013). *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 312p. ISBN: 9788573911947

O livro *Análise de discurso em perspectiva: teoria, método e análise* apresenta, em seu conjunto de textos, ampla reflexão sobre os desdobramentos e as perspectivas da Análise de Discurso desenvolvida no Brasil, como destacam as organizadoras, Verli Petri e Cristiane Dias, na introdução da obra, que é resultado do *I Seminário Interinstitucional de Análise de Discurso*, ocorrido na Unicamp, no inverno de 2011. O evento reuniu especialistas em Análise de Discurso de diversas instituições brasileiras, os quais, além da homenagem a Eni Orlandi –autora que trouxe a Análise de Discurso para o Brasil e formou inúmeros pesquisadores–, procuraram mostrar como a Análise de Discurso afeta o próprio analista e o constitui enquanto sujeito. Os textos, de um modo geral: i) apresentam percursos de análises de diferentes materialidades simbólicas; ii) explicitam a maneira como a teoria discursiva foi se constituindo no Brasil, a partir da década de 70; e iii) refletem acerca do funcionamento do político na linguagem, do discurso como materialização da ideologia, da institucionalização e circulação de sentidos. A obra é dirigida aos que se interessam pela Análise de Discurso construída por Michel Pêcheux e por seus desdobramentos no Brasil, especialmente, pelos trabalhos de e coordenados por Eni Orlandi –ou, de algum modo, por uma “AD orlandiana”, como nomeia Scherer (p. 253)–, com questões próprias colocadas pela realidade brasileira. Uma AD que tem, ainda, “repercussões importantes na própria França e na América Latina.” (p. 7). Estruturada em cinco partes – I. *Ciência, política e tecnologia*; II. *A urbanidade em diferentes materialidades discursivas*; III. *A produção de sentidos no ensino*; IV. *O sujeito no e do discurso*; V. *A formação da nação e as diferentes formas de institucionalização do saber* –, a obra se sustenta em “sua consistência teórica e analítica” e possibilita ao leitor “percorrer filiações, desdobramentos e perspectivas da Análise de Discurso a partir de trabalhos de um grupo que considera o político na linguagem, o discurso como materialidade da ideologia” (p. 20).

A parte I é formada por textos que tratam de noções que constituem o fazer do analista de discursos na contemporaneidade, a saber: a política, a ciência e a tecnologia. O texto *Uma tautologia ou um embuste semântico-discursivo? Ainda a propaganda de Estado: país rico é país sem pobreza*, de Eni Orlandi, abre a seção com uma reflexão sobre o efeito metafórico de “País rico é país sem pobreza”. A autora se ancora na relação entre o efeito de pré-construído e o efeito de sustentação, proposto por Pêcheux (1975), para desconstruir o enunciado, apontar os deslizamentos de sentidos e marcar o jogo da deriva, a partir de uma situação discursiva específica, uma propaganda do governo sobre educação. Em *O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso*,

Verli Petri tece considerações sobre o funcionamento do dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso no Brasil, a partir da metáfora do pêndulo. A autora se sustenta em duas expressões para conduzir suas reflexões: i) a de que “a Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio”; e ii) a de que o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso se constrói num movimento pendular entre teoria e análise” (p. 40). O “dispositivo experimental” a que Petri se refere diz respeito às experiências de análise que constituem cada analista de discurso, já que a disciplina não propõe uma aplicação, mas depende de olhar(es) singular(es) sobre o objeto, movimento pendular que se dá no ir e vir da teoria para análise. No texto *Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos*, Cristiane Dias discute a relação linguagem-silêncio, a questão da progressão do silêncio para a verbalização e o modo como a tecnologia vem se inscrevendo, discursivamente, na história. A tecnologia é tratada pela autora como lugar de produção de discursos e de relações de poder que atuam fortemente no “modo de construção das sociedades, no que concerne ao seu aspecto político, econômico e ideológico.” (p. 50-51). Sem perder de vista a relação pensamento-linguagem-mundo, Dias aponta que a ideologia da comunicação se estabelece na relação linguagem e tecnologia, pela “tecnologização da palavra” (Ong, 1998), de maneira que a tecnologia vai se constituir como um campo de questões, de produção de discursividades em que a “unidade do sentido e do novo se afirmam.” (p. 52).

Na parte II, as abordagens apresentam os diversos modos de discussão sobre a instância urbana. O texto de José Horta Nunes, intitulado *A urbanidade em diferentes materialidades discursivas*, abre a seção com uma reflexão sobre o imbricamento dos movimentos nas redes sociais e nas ruas. O material analisado pelo autor para compreender o modo de (não) organização desses movimentos foi recortado, em sua maioria, de sites relacionados às marchas urbanas – “da Maconha”, “da Liberdade” e “das Vadias” – ocorridas em maio e junho de 2011. Do real ao virtual, ou das telas às ruas, as análises “nos conduzem a repensar o funcionamento político das posições mediadoras, na medida em que a figura do porta-voz tende a ser apagada como mediadora entre o Estado e os grupos e movimentos sociais” (p. 82), conclui Nunes, de maneira que, no enredamento da globalização, há silenciamentos. Em *Discurso em circulação e acontecimento: descrever montagens discursivas no tempo presente*, Rejane Vargas analisa o par designativo comunidade/favela com base na proposta da noção pecheuxtiana de montagem discursiva (MD). A autora constrói sua reflexão em torno do recorte do *corpus* – de discursos que, em sua maioria, circulam na rede eletrônica – como fragmento de um acontecimento, e assinala, ancorada na ideia de “instância dinâmica” das sequências discursivas (Courtine, 2009), a equivocidade do par comunidade/favela. Maria Cristina Leandro Ferreira, no texto *O corpo enquanto objeto discursivo*, aborda a arquitetura do corpo, tomando-o como “categoria analítica, como artefato teórico, como materialidade significante” (p. 99) no tempo e no espaço. A autora traça um percurso teórico desde a civilização grega

até a contemporaneidade e aborda o corpo na dimensão do político, marcando a aproximação entre o olhar da psicanálise, o corpo como afetado pela linguagem, e da análise do discurso, o corpo como processo de construção pelo/no discurso. Como “lugar de observação do sujeito” (p. 99-100), o corpo pode ser olhado/visto, no espaço, pelo analista de discurso que pretende entender a(s) falta(s) do sujeito, destaca Leandro Ferreira. No texto *Sujeito e espaço: na Paulista, “tá dando pra se viver”?*, Marcos Barbai desenvolve uma reflexão acerca da cidade como espaço de significação do sujeito, elegendo como corpus de análise uma cena na Avenida Paulista, lugar em que, simbólica e imaginariamente, “sujeito e espaço são configurados, falados e determinados.” (p. 112). Ao analisar o material, Barbai aponta a câmera como uma tecnologia que produz ordem, vigilância, cenas fabricadas, enfim, uma “nova forma de territorialismo” (p. 118), silenciando a opacidade. No último texto desta seção, *Rimas e telas: a rua no (dis)curso*, Eliana Almeida toma objeto de discussão uma poesia (“A rua das rimas”) e um videoclipe (“Rua das rimas”) para refletir sobre “a rua pela arte em relação ao sujeito” (p. 121). No processo de análise, a autora enfatiza que: i) na poesia, a língua potencializa-se e cria “uma rua de palavras que a (des)compõe.” (p. 124); e ii) no videoclipe, a rua é esteticamente significada na materialização dos sentidos interditados pelo urbano.

Na parte III, os capítulos refletem sobre a institucionalização, ou não, de um saber científico/linguístico e os diferentes modos de ensinar a língua no espaço escolar e na sociedade em rede. O primeiro texto, de Claudia Pfeiffer, intitulado *Língua e sujeito na escola*, trata da emergência do sentido, da sua estabilização na memória da sociedade e sua circulação na escola, a partir da discussão sobre o lugar da argumentação no ensino e sobre a retórica. Sérgio Augusto Freire de Souza, no texto *Para quem é o discurso pedagógico?*, discorre acerca do discurso pedagógico sob a perspectiva da linguagem e dos ecossistemas comunicacionais. Quatro pontos são relevantes nessa abordagem: o sujeito, a sociedade em rede, a tipologia discursiva e a escola. Para o autor, a sociedade em rede altera a configuração constitutiva do sujeito da escola contemporânea, alterando também as formas de se relacionar nesse espaço. Débora Massmann, em *Ontem, hoje e amanhã: ainda a questão do ensino*, produz uma reflexão acerca do atual sistema de ensino brasileiro e as mudanças ocorridas no mundo com o advento das novas tecnologias. Massmann problematiza “a função de ensinar na escola do século XXI”, retoma as considerações de Orlandi (2006) sobre o discurso pedagógico e suas práticas, e explicita o jogo imaginário em funcionamento na sala de aula, o qual se sustenta no discurso autoritário e tem a figura do professor como elemento central.

Os capítulos da parte IV discutem o processo de constituição (interpelação e individuação) do sujeito em relação a diferentes formações discursivas. No primeiro capítulo –*O sujeito no discurso: modulações operadas pelo drama da voz*–, Pedro de Souza toma a voz como objeto de análise, entendendo-a como um gesto enunciativo para a constituição do sujeito, a partir da investigação

do modo pelo qual o “cantante é interpelado em sujeito, através do uso que faz da voz ao cantar” (p. 176). Em *Sujeito e subjetividade: psicanálise e análise de discurso*, Lauro Baldini aborda a noção de sujeito na Análise de Discurso e suas relações com a Psicanálise, a partir do conceito de interpelação ideológica, proposto por Louis Althusser e reelaborado por Michel Pêcheux no quadro de uma teoria não-subjetivista do sentido e do sujeito. Para Baldini (p. 200), é fundamental em uma discussão sobre o sujeito que a AD trabalhe “a relação: do lado da língua, a lógica do significante, o simbólico como instância puramente diferencial, sem substância; do lado da história, a luta de classes, uma divisão social traumática que não pode ser integrada à rede simbólica e, por fim, do lado do inconsciente, a falta de relação sexual”. Belmira Magalhães, no texto *Sujeito no e do discurso: pensando a resistência*, analisando a expressão “Você Pode”, presente na discursivização do sujeito contemporâneo, reflete acerca do inconsciente e da ideologia e das possibilidades do sujeito fazer história (criar o novo). A autora explicita que, na contemporaneidade, “exalta-se o sujeito livre e decidido, completo, capaz de realizar o que quiser. Oferece-se ao sujeito a possibilidade de conquistar tudo e, em contrapartida, aqueles que não conseguem (a maioria) são culpabilizados, sob a alegação de que são incapazes de ser empreendedores” (p. 205). Analisando algumas sequências discursivas veiculadas pela mídia impressa e em outdoors, Magalhães salienta a emergência do individualismo, da concorrência interpessoal acirrada e do surgimento de doenças. Em *O processo de interpelação ideológica em Kafka: da ignorância culposa ao humor rebelde*, Maurício Beck aborda a prática da interpelação ideológica e questiona esse processo de interdito da contradição, tomando como objeto de análise a personagem Josef K., do livro *O Processo*, de Franz Kafka. Nas considerações finais, o autor lança um questionamento que incita a reflexão sobre a desmistificação do sujeito e do seu processo de constituição: “Esse efeito de desmontagem e desmistificação do eu pelo viés do humor não é correlato à crítica teórica que a Análise do Discurso e a Psicanálise fazem ao sujeito-ego-pleno e a uma suposta interpelação ideológica todo poderosa sem fissuras e contradições?” (p. 230). Encerrando a seção, em *Língua, memória discursiva e efeitos de sentido*, Maria da Conceição Fonseca-Silva apresenta uma reflexão acerca da relação língua e memória. Além do percurso teórico sobre os conceitos, a autora analisa algumas formulações relativas ao acontecimento de 31 de outubro de 2010, “Dilma Rousseff é a primeira presidente do Brasil”, apontando deslizamentos de sentidos sobre a presidente Dilma Rousseff, os quais vão de militante contra o regime militar (vista como subversiva, terrorista) à presidente do Brasil.

A parte V, a última da obra, apresenta capítulos cujas reflexões versam sobre a língua e a produção do conhecimento na sociedade. O texto *A casa misticamente comum*, de Amanda Scherer, abre a seção com uma discussão teórica que marca a relação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso. Em uma narrativa belíssima, Scherer revela seu percurso na Análise

de Discurso e explicita as relações institucionais, os convênios, as parcerias, as orientações, o modo como a AD afeta a constituição do sujeito. Para Scherer, “para ser analista do discurso, é preciso justamente deslocar o sujeito face aos efeitos de evidência e do sentido já posto.” (p. 259). Ana Zandwais, em *Como caracterizar uma nação: entre os domínios históricos e discursivos*, nos traz uma reflexão sobre as formas de constituição de uma nação “que concorrem para a construção de imaginários que se discursivizam e que nos permitem compreender as formas através das quais o Estado e as sociedades civis se organizam a partir das experiências vividas e das relações díspares que podemos observar entre a superestrutura e a infraestrutura”, que acabam garantindo o funcionamento do mito da “unidade linguística” e o efeito de “unidade nacional” (p. 263). Para Zandwais, um imaginário de nação só pode ser produzido “pela discursividade, pela identificação dos membros de um Estado com a língua-mãe, ou seja, a língua que todos falam e que identifica todos que a falam, que lhes confere referências culturais, uma herança histórica, um lugar de filiação.” (p. 272). *Equívocos da/na língua oficial*, texto de Mónica Graciela Zoppi-Fontana, apresenta uma problematização sobre a instituição da língua portuguesa como “língua oficial”, com destaque para o efeito do processo histórico de colonização portuguesa, os quais afetam a constituição dos sujeitos brasileiros. Com vistas a refletir a respeito do imaginário de “língua oficial” nos discursos de internacionalização da língua, Zoppi-Fontana analisa o projeto de lei 065/2005 que tinha como proposta substituir o “ç” de Foz de Iguaçu por “ss”. Segundo a autora, nos documentos legislativos da lei, emerge um “saber espontâneo sobre a língua, que retoma e reformula, do lugar de enunciação do legislador, memórias historicamente produzidas.” (p. 284); já nos documentos jornalísticos da lei, “o inglês é significado como língua global de negócios (...) ao tempo que o português é compreendido como língua que produz isolamento por ter uma grafia de ‘uso exclusivo do Brasil’” (p. 286). O último texto da seção, intitulado *Língua Nacional – Escola Nacional*, de Mariza Vieira da Silva, trata da questão da institucionalização do português como “língua nacional”, expressão que tende a deslocar para comum em diferentes documentos oficiais, estreitando a articulação com a universalização da educação. No fechamento de seu percurso teórico e analítico (do conto “Minha gente”), a autora destaca a presença das marcas da colonização no sistema e questiona: “Como compreender esses ‘debates e polêmicas’ suscitados pelo termo ‘nacional’, essa opacidade do termo ‘comum’ em relação à língua e à escola...?” (p. 308).

Dado o panorama das produções, enfatizamos a relevância da obra, cuja proposta teórico-metodológica, com abordagens singulares sobre questões atuais da contemporaneidade, proporciona ao leitor e (não só) estudioso da linguagem a compreensão da constituição dos sujeitos, dos discursos e dos sentidos, e, ainda, do processo (pecheuxtiano) de estruturação-*desestruturação-reestruturação* dos trajetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COURTINE, J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Traduzido por Cristina de Campos Velho Birk et al. São Paulo: EdUFSCar.
- ONG, W. (1998). *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus.
- ORLANDI, E. P. (2006b). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1975). *Vérités de La Palice*. Paris: Maspero.

Fernanda Correa Silveira Galli  
Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE), Brasil  
fcsgalli@hotmail.com  
Dantielli Assumpção Garcia  
Universidade de São Paulo (USP/FFCLRP), Brasil  
dantielligarcia@gmail.com